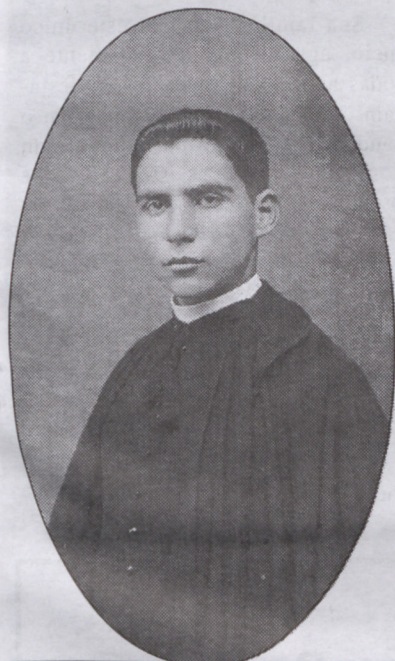


Dupla Celebração

Como anunciamos atempadamente, no passado dia 1 de Junho, estivemos em S. Rita para agradecer a Deus os 51 anos de «A Voz de Melgaço» e pedir-Lhe o descanso eterno para o padre Carlos, a vontade forte que nos trouxe o jornal e o prestígio até que a morte o retirou do nosso convívio físico há 25 anos.



O padre Carlos no ano da sua ordenação sacerdotal

que caracteriza muitos jornais. Não. As páginas do nosso jornal registam a frontalidade com que abordamos os temas, sempre submetidos à verdade, à justiça e ao interesse da comunidade.

Atestam-no as páginas de «A Voz de Melgaço» nas quais aparecem documentos a comprovar que só com duas Câmaras estivemos em sintonia: a câmara presidida pelo prof. Manuel José Rodrigues, no período do «Estado Novo» e a da presidência do Dr. António Durães, no aparecimento do 25 de Abril de 1974.

Estas duas personalidades tinham respeito pelo cargo que desempenhavam, tinham respeito pelas forças existentes e tinham respeito pelos órgãos de Comunicação Social.

A vaidade não os incomodava, o cargo não os cegava, e o serviço público responsabilizava-os.

Sentimos orgulho por vivermos há 51 anos, a servir a cultura, os interesses legítimos da nossa região, e a nobreza da nossa gente.

O padre Carlos viveu estes mesmos ideais: a cultura, os interesses da população e a nobreza da nossa gente.

Provou-o na sua vida.

A nossa terra estava-lhe no coração e as suas gentes eram uma preocupação constante. Os emigrantes, nas cadeias ou em dificuldades, eram visitados e defendidos pelo padre Carlos; os desempregados, que eram muitos, eram colocados, a seu pedido, em organizações nacionais ou em empregos de circunstância.

Bateu às portas de ministérios, subiu as escadas de casas onde poderia encontrar ajuda para os necessitados. E deixou obra visível em vários sectores, como S. Rita ou o Hospital, e no plano pastoral deu um grande impulso à vida religiosa do concelho, sendo o Congresso Eucarístico, realizado há 50 anos, um marco histórico da vida religiosa do nosso Concelho.

Neste dia 1 de Junho quisemos, pois, celebrar duas datas, que marcam a vida social, política, e religiosa da nossa terra.

Houve dificuldades, houve invejas, houve ciúmes. Mas o povo da nossa terra soube corresponder, e corresponde ainda hoje, com a estima que consagra a «A Voz de Melgaço» e a saudade que nutre pelo padre Carlos.

Por ser assim, quisemos que o nosso agradecimento chegasse, em primeiro lugar, ao Céu, em acção de graças pelos 50 anos do nosso jornal e de súplica pelo descanso eterno do padre Carlos e de todos os colaboradores do jornal, que Deus já chamou a Si.

E depois de nos ajoelharmos em acção de graças e de pedirmos ao Senhor o descanso eterno dos nossos mortos, convivemos em amizade e saudade.

Assim vivemos o dia 1 de Junho de 1997, o 51º aniversário de «A Voz de Melgaço» e o 25º do falecimento do padre Carlos e, nele e com ele, todos os amigos do nosso jornal, que da Eternidade participaram no acontecimento.

Pe. Carlos Vaz - 25 anos depois...

Mais viva a saudade... mais sentida a gratidão

Parece que foi ontem e já decorreram 25 anos! Vítima de doença, falecia com apenas 62 anos, quando estava em plena pujança de vida! Deus qui-lo mais perto de Si e libertou-o do sofrimento que a incompreensão de alguns e a ingratidão de outros lhe causavam.

Em Santa Rita, naquele que é o monumento vivo a atestar para os vindouros a fé, o espírito antecipado do Vaticano II e toda uma nova dinâmica pastoral, quiseram os familiares e amigos recordá-lo no dia em que se completaram 25 anos sobre a sua morte e 51 de fundação deste jornal.

Por singular coincidência, calhou no dia maior dos cristãos, Domingo.

Com a presença dos dois irmãos vivos, Cónego António e Pe. Júlio, e dos dois sobrinhos sacerdotes, Pes. Carlos Nuno e Júlio, mais a participação activa do pároco, Pe. António Esteves, e de um bom amigo de Braga, Pe. Alberto Azevedo, teve lugar uma eucaristia concelebrada, a que presidiu o Pe. Carlos Nuno e que foi solenizada com cânticos pelo grupo coral de Nossa Senhora-a-Branca, em Braga, de que é maestro o Dr. Júlio Vaz.

O templo encontrava-se repleto de fiéis, muitos deles em manifestação sentida de gratidão àquele que tanto se interessou pela causa dos mais desprotegidos. Além de muitas pessoas residentes em Melgaço, estiveram também outras vindas de terras mais distantes, como Monção, Viana, Braga, Famalicão, ou até de Orense e mesmo do Porto.

Quem consegue mover, passados 25 anos sobre a sua morte, tanta gente?

— Senhor Padre, vim cá com alegria, rezar e agradecer, porque se hoje vivemos muito bem, devemos-lo ao Pe. Carlos que colocou o meu marido na Guarda, — dizia comovida uma senhora, apontando para o marido que vinha um pouco mais atrás. As suas palavras podiam ser a síntese do que disseram muitas centenas.

A Natureza acabou por se reconciliar e abriu umas brechas na chuva dos dias anteriores, permitindo um são convívio do grupo coral e familiares do Pe. Carlos e o desfrute da paisagem e do almoço, tipo merenda, no recinto da Casa da Mesa.

Na homilia, o Pe. Carlos, afilhado e sobrinho do falecido, na linha das palavras propostas pela liturgia, enumerou algumas das pétalas que constituem o ramo de flores que, decorridos tantos anos, se podiam convocar para fazer realçar a beleza e o perfume da actividade de tão zeloso como esmerado sacerdote.

Como primeira pétala, colheu as 8 pétalas que desabrocharam na ordenação sacerdotal, dos oito sacerdotes naturais de Roussas durante os 30 anos de acção pastoral do Pe. Carlos. São, talvez, a sua maior coroa de glória: ter contribuído para que 8 jovens cultivassem a vocação sacerdotal até ao próprio sacerdócio. São os sacerdotes que presidem às comunidades cristãs e que têm a missão de as vivificar, que são o motor, o coração das comunidades cristãs.

Como segunda pétala, estaria, sem dúvida a Obra de Santa Rita: Mosteiro e a parte destinada à obra social. Foi Santa Rita e a Obra aí realizada que

mais energias gastaram ao Pe. Carlos, que o fizeram andar de mendigo pelo País e pelo estrangeiro para arranjar dinheiro para pagar as despesas. Que mereceram que ele ofertasse 110 dos 120 contos que lhe saíram numa lotaria, quantia que, hoje, corresponderia a mais de 4.000 contos. Santa Rita que ainda chegou a acolher 7 ou 8 velhinhos, alguns com deficiências graves.

Como terceira pétala, a emoldurar o sentido da actividade apostólica do Pe. Carlos, colocaria a ideia e a coragem de lançar o jornal «A Voz de Melgaço» em 1946, com data de 31 de Maio, por ser o dia da Ascensão! Dia que, bastantes anos depois, como fruto do concílio Vaticano II e da atenção prestada aos meios de comunicação social pela sua importância na sociedade, foi dedicado à reflexão de toda a comunidade mundial sobre os Meios de Comunicação Social. O Pe. Carlos não se cansava de dizer que, se S. Paulo vivesse no nosso tempo, seria sem dúvida jornalista, pois é por meio deles que a mensagem do Evangelho pode chegar a todos, incluindo aos muitos que não frequentam habitualmente a Igreja, e de maneira mais ampla.

Como quarta pétala, colocaria a revitalização do Lar de S. José, em Eiró, e a acção como Provedor do Hospital. Foi na sua gestão que foram comprados os terrenos onde hoje está o Centro de Saúde de Melgaço, e foi graças à dinâmica do Lar de S. José que se avançou para o Lar da Terceira Idade da Santa Casa da Misericórdia.

Como quinta pétala, destacaria a devoção à Santíssima Eucaristia, com especial atenção às primeiras sextas-feiras, a bênção do Santíssimo, no Domingo à tarde, e esse magno acontecimento que foi o Congresso Eucarístico Arciprestal de há 50 anos, cuja amplitude e envergadura ainda hoje causam admiração.

A sexta pétala, autêntico desmembramento da primeira pétala — os 8 sacerdotes — que são o fruto mais visível de toda uma acção pastoral que atingia especial magnitude na Catequese — estaria, precisamente, na atenção à Catequese de crianças e jovens e também ao que, hoje, diríamos catequese de adultos, com a Missão e os vários tríduos preparatórios. Mas, ainda hoje, decorridos 30, 40 ou até 50 anos, não esquecemos os tempos de doutrina, a alegria que ela significava para todas as crianças, o esforço para que funcionasse nos 3 centros: Igreja,

(continua na pág. 7)

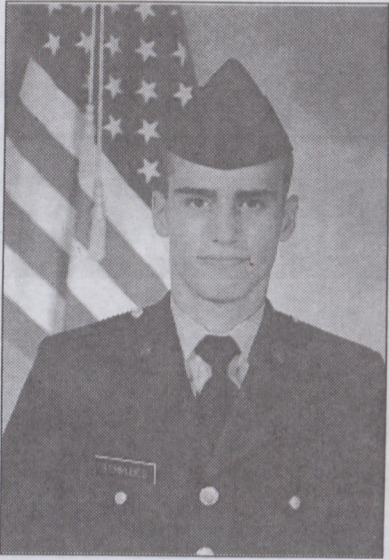


Junto do Santuário de Santa Rita

Da Vila e Concelho

Um melgacense integrado no Exército Americano

Está integrado nas fileiras do Exército Americano, onde presentemente se encontra deslocado na Base Militar de Frankfort (Alemanha), o nosso conterrâneo José Miguel



Alves Bermudes, que muito em breve vai ser promovido ao posto de 1.º Sargento.

Este jovem militar de 20 anos de idade é filho dos nossos conterrâneos e estimados assinantes, Sr. Jorge Miguel Trancoso Bermudes e da Srª D. Maria Armanda Alves Bermudes, naturais da freguesia de Prado, deste concelho, que estão radicados no Estado de New Jersey (U.S.A.).

Ao José Miguel desejamos muitas felicidades e os nossos parabéns, bem assim, como também a seus pais.

Alfredo do Paço

Melgacense radicado no Canadá de visita à sua terra

De visita a seus familiares, encontra-se entre nós, o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. Joaquim Nabeiro da Rocha, residente no Canadá, há muitos anos.

Ao nosso amigo, um abraço e os nossos cumprimentos.

António Dias

Numa curta visita de poucos dias a seus familiares, esteve entre nós, o nosso conterrâneo, estimado assinante e colaborador, Sr. António Dias, natural da freguesia de Penso, deste concelho, proprietário da Escola de Condução «De Église», em Bologne (França) e arquitecto da Empresa «Renault», que era acompanhado de seu cunhado, Sr. Fernando Reis Pires, que se encontra em convalescença, após os ferimentos que sofreu, num atentado à bomba no Metropolitano de Paris, no passado mês de Dezembro, e que agora nesta visita, se deslocaram de visita ao Santuário de Nossa Senhora na Cova da Iria, no dia 13 de Maio.

Aos nossos amigos, um abraço e os nossos cumprimentos.

Casal melgacense radicado em França visitou a sua terra

Acompanhado de sua esposa, Srª D. Alzira de Freitas Domingues, esteve entre nós numa curta visita de poucos dias a seus familiares, o nosso conterrâneo e estimado assinante, Sr. António Fernandes Domingues, radicados em França há muitos anos.

Este simpático casal, teve a genti-

leza de pagar a sua assinatura e de comprar o livro «Mário», na Gráfica Melgacense do Sr. Fabiano Costa.

Ao amigo António Domingues e esposa, um abraço e os nossos cumprimentos.

Conterrâneos radicados no Canadá visitaram a sua terra

De visita a seus familiares e à terra que lhes serviu de berço, estiveram entre nós, as nossas conterrâneas e estimadas assinantes, Senhoras: D. Maria Fernanda Pereira Pires e D. Maria Vilas, radicadas há muitos anos no Canadá.

Os nossos cumprimentos.

António Manuel Pinto

Acompanhado de sua esposa, nossa conterrânea, Srª D. Maria Helena Ferreira do Paço Pinto, e filho, Alexandre Manuel do Paço Pinto, encontra-se entre nós, em gozo de férias, o Sr. António Manuel Pinto, Gerente da Indústria Hoteleira em Lausanne — Suíça.

Os nossos cumprimentos.

D. Maria da Encarnação Pereira

No Hospital de São João da cidade do Porto, faleceu no passado dia 1, a Srª D. Maria da Encarnação Pereira, solteira, de 70 anos de idade, natural de Vila Nova de Cerveira, e radicada nesta vila há muitos anos.

A extinta, pessoa de respeitabilidade e de muita consideração no nosso meio, era irmã da Srª D. Maria Fernanda Pereira Pires, casada com

o Sr. José Pires, e tia do Sr. Dr. José Manuel Pereira Pires (Economista), ausentes no Canadá.

O seu corpo foi trasladado em auto fúnebre da Agência Funerária «Orquídea», de Melgaço, para a Igreja Matriz desta Vila, onde se realizou o funeral, seguido de missa de corpo presente, a que presidiu o Revº Dr. Manuel Augusto Alves, acolitado pelo Revº Pe. Justino Domingues.

Foi enorme o acompanhamento e nele se incorporaram algumas centenas de pessoas vindas de diversas localidades, o que não é para admirar, se se tiver em conta a amizade que a extinta tinha com todos quantos a conheciam, e que com ela privavam.

A toda a família em luto, apresentamos sentidas condolências.

Alfredo do Paço.

D. Ermezinda da Purificação Reguengo

Na sua residência no lugar de Bairro Pequeno, da freguesia de Penso, deste concelho, faleceu, com a proveta idade de 90 anos, a nossa conterrânea, Srª D. Ermezinda da Purificação Esteves Reguengo, viúva do saudoso Sr. Capitolo da Rocha.

Era mãe do nosso amigo e estimado assinante, Sr. Darcílio Estêvão da Rocha, residente em Lisboa, e da Srª D. Ilda das Dores da Rocha, casada com o Sr. José Solha.

O seu funeral realizou-se com grande acompanhamento, seguido de missa de corpo presente a que presidiu o Revº Pe. Justino Afonso, pároco daquela localidade.

A toda a família em luto, apresentamos sentidas condolências.

AGRADECIMENTOS

José Esteves Eira — Rouças

Sua família, vem por este único meio, agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

Maria da Encarnação Pereira Vila — Melgaço

Sua irmã e restante família enlutada, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que os acompanharam nos momentos de dor e luto, estando presentes, apresentando sentimentos de condolência e incorporando-se nos actos fúnebres e de sufrágio por sua alma.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

Carlos Simões Durão Granja — S. Paio

Sua família, vem por este único meio, agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.

Agência Funerária Orquídea Melgaço

Felicidade Augusta Lourenço Prado

Sua família, vem por este único meio, agradecer penhoradamente a

(continua na pág. 3)

Farmácia Dias Ferreira

Direcção Técnica e Propriedade:

D.ª Júlia Eduarda Dias Ferreira

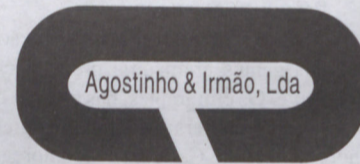
EM SERVIÇO PERMANENTE E AO SERVIÇO DA SAÚDE E BEM-ESTAR DOS MELGACENSES

Estrada Nacional • Telefone 43312 • MELGAÇO

Manuel Luis Domingues Rodrigues

PROFISSIONAL DE INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

Residência e Armazém:
Rabosa - Penso • Tel. 416066
4960 MELGAÇO



Agostinho & Irmão, Lda

Construção e venda de apartamentos, terrenos e lojas

ESCRITÓRIO:

Av. General Norton de Matos, Nº 26 - 1º - Sala 5
Telef. 612287 4700 BRAGA

Dr. Paulo Malheiro

ADVOGADO

Parque Delfim Guimarães, nº 7 - 1º Dto
Telefone 4940478 • 2700 AMADORA

Serralharia Rodrigues & Sarandão

Possuidora de moderna maquinaria e pessoal apetrechado, realiza com perfeição e em óptimas condições todos os trabalhos da especialidade

Boavista — Roussas — Telefone 43567

Dr. Oliveiros Rodrigues

ADVOGADO

Rua Dr. António Durães
MELGAÇO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Proprietária de

«A VOZ DE MELGAÇO»

Director:
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector:
CARLOS NUNO SALGADO VAZ

Redacção e Administração:
Largo da Senhora-a-Branca,
nº 105 - Tel. 214284
4710 BRAGA

Composição e Impressão
em Offset:

Litografia A.C.
R. Cons. Lobato, 179 R/C
Tel. 72967 - Fax 612008
4700 BRAGA

Assinatura anual:
2.500\$00

Electrotécnica

António Solha & Irmão

~ Rádio
~ Instalações Eléctricas
~ Televisão
~ Amplificações Sonoras

Agentes da SIEMENS

Assistência Técnica Qualificada

Praça da República • Telef. 42294
4960 MELGAÇO



CONSTRUÇÕES

GUERREIRO & LIMA, L.DA

constrói — aluga — compra
vende casas e apartamentos
qualidade, bom preço

Escrit. — Rua do Fajal nº 20 — R/c — Telef. 73337
Resid. — Rua do Pinheiro, 113 — Nogueira — Telef. 683103 — BRAGA

Compre agora e pague em 12 meses

em

Móveis Castelo

de:

Ramiro de Lima A. Corqueira

Rua das Escolas
Telef. 42695 • 4960 MELGAÇO

Exposição: Rua da Calçada

Notariado Português
**CARTÓRIO NOTARIAL
DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 15/6/97

A cargo da Notária, Lic. Manuela Sofia Gorgel Couto Pinto de Moura Lopes:

CERTIFICO que no dia vinte e seis de Maio de mil novecentos e noventa e sete, de fls. 16, a fls. 17 v, do Livro de Notas para Escrituras Diversas número 128-B, deste Cartório, **JOSÉ MÁRIO PIRES** e mulher **MARIA DE FÁTIMA DOMINGUES**, casados sob o regime da comunhão geral de bens, ambos naturais da freguesia de Castro Laboreiro, deste concelho, onde habitualmente residem no lugar de Ribeiro de Cima; **FERNANDO DE JESUS PIRES** e mulher **MARIA ROSA BERNARDO**, casados sob o regime da comunhão geral de bens, ambos naturais da referida freguesia de Castro Laboreiro, onde habitualmente residem no citado lugar de Ribeiro de Baixo, fizeram as declarações constantes da fotocópia anexa, que com esta se compõe de três folhas:

Que, são donos e legítimos pos-

suidores, com exclusão de outrém, do seguinte bem imóvel:

PRÉDIO RÚSTICO denominado «**BARBEITO DOS RUDIAZ DE BAIXO**», de cultivo, sito no lugar de Vila, da mencionada freguesia de Castro Laboreiro, com a área de dois mil novecentos e cinquenta e cinco metros quadrados, a confrontar a norte com caminho público, a sul com caminho, a nascente e poente com baldio, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 9532, com o valor patrimonial de **454\$00** e ao qual atribuem o valor de **UM MILHÃO DE ESCUDOS**.

Que o referido imóvel não se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial deste concelho.

Que, possuem o referido imóvel, em nome próprio há mais de vinte anos, não tendo qualquer documento legal que lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade sobre o mesmo imóvel, posse que sempre exerceram sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, sem interrupção e ostensivamente, com o conhecimento de toda a gente, pagando todas as contribuições, taxas e impostos, usufruindo-o, sendo, portanto, tal posse pacífica, pública, contínua e de boa fé, pelo que adquiriram o identificado imóvel por **usucapião**, título este que dada a sua natureza não é sus-

ceptível de ser comprovado pelos meios normais, pelo que o fazem pela presente escritura.

Está conforme o original.
Cartório Notarial de Melgaço, 26 de Maio de 1997.
A Notária,

*Manuela Sofia Gorgel Couto Pinto
de Moura Lopes*

**CONTRATO
DE SOCIEDADE**

No dia vinte de Fevereiro de mil novecentos e noventa e sete, no Cartório Notarial de Melgaço, perante mim, Lic. Manuela Sofia Gorgel Couto Pinto de Moura Lopes, respectiva Notária, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO

HENRIQUE JOSÉ MARQUES, casado sob o regime da comunhão geral de bens com Maria da Conceição Pereira Vidal Marques, natural da freguesia de Prado, deste concelho, habitualmente residente no lugar de Santo Cristo, nesta Vila de Melgaço, c.f. nº 139 759 263; e

SEGUNDA

MARIA DA CONCEIÇÃO PEREIRA VIDAL MARQUES, casada com o primeiro outorgante, natural da freguesia de Cristóval, deste concelho e com seu marido residente, c.f. nº 139 759 255.

Verifiquei a identidade dos outorgantes por exibição dos seus Bilhetes de Identidade nº, respectivamente, 2988381, de 28/04/1994 e 5718236, de 24/10/1994, o primeiro dos Serviços de Identificação Civil em Lisboa e o segundo dos Serviços de Identificação Civil em Viana do Castelo.

Pelos outorgantes foi declarado:

Que, entre eles, é constituída uma **sociedade comercial por quotas**, a qual se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1º

A sociedade adopta a firma «**MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO MARQUES & VIDAL, LDA**», tem a sua sede na Rua Rio do Porto, na Vila de Melgaço e durará por tempo indeterminado a partir de hoje;

2º

A sociedade tem por objecto o comércio a retalho de materiais de construção, «bricolage», equipamento sanitário, ladrilhos e materiais similares; comércio a retalho de tintas, vernizes e produtos similares; prestações de serviços de canalização, piche-laria e pintura de construção civil;

3º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de **QUATRO MILHÕES DE ESCUDOS** e corresponde à soma de duas quotas iguais, no valor nominal de dois milhões de escudos cada, pertencendo cada uma destas quotas a cada um dos sócios;

4º

A cessão, total ou parcial, de quotas, bem como a sua divisão é livremente permitida entre os sócios, mas a favor de estranhos carece do prévio e expreso consentimento da sociedade;

5º

A **gerência** da sociedade, remunerada ou não, conforme vier a ser deliberado em Assembleia Geral, fica afecta a **ambos os sócios**, Henrique José Marques e Maria da Conceição Pereira Vidal Marques, desde já nomeados gerentes, sendo sempre necessária a **assinatura dos dois gerentes para obrigar a sociedade** em todos os seus actos e contratos;

6º

Os sócios poderão fazer prestações suplementares de capital à sociedade até ao montante máximo de cinco vezes o capital social;

7º

As Assembleias Gerais, salvo casos em que a Lei exija imperativamente outras formalidades, serão convocadas por meio de carta registada, com aviso de recepção, enviadas aos sócios com a antecedência de, pelo menos, quinze dias.

Está conforme o original.
Conservatória do Registo Comercial de Melgaço, 09 de Maio de 1997
O Conservador,

Abel Augusto Vaz

**Produtores
Florestais do
Vale do Minho**

A Associação de Produtores Florestais do Vale do Minho celebrou, no dia 14 de Maio, o primeiro aniversário, celebração que decorreu na Casa do Curro, na Vila de Monção.

Estiveram presentes muitos associados e representantes de várias instituições públicas ligadas ao sector florestal.

Presidiu à sessão o Presidente da Associação, que a abriu com um agradecimento aos presentes e falou da importância da celebração.

O orador de fundo foi o Engº Moreira da Silva, que acentuou as potencialidades da Floresta, e os condicionamentos financeiros que a devem envolver, como sejam empréstimos a longo prazo. Frisou, no entanto, que a Floresta tem potencialidades económicas para ser bem gerida e defendida.

Destacou, ainda, a importância do associativismo.

Manuel Guardão, Presidente da Associação, informou a Assembleia a respeito do trabalho realizado e não calou as dificuldades encontradas e, entre elas, a da sobrevivência da Associação, se não for apoiada.

O Dr. António Cêa, Director Regional de Agricultura de Entre Douro e Minho, referiu, com elogio, os resultados obtidos neste primeiro ano de vida da Associação, não obstante as dificuldades havidas, e, entre elas, as dificuldades de instalação da mesma.

VENDE-SE OU PASSA-SE

Café Restaurante «**ZORRO**» junto à Igreja Matriz de Melgaço, totalmente equipado e mobilado.

Telefone 051-44904

VENDE-SE - LOJA

CENTRO DA VILA

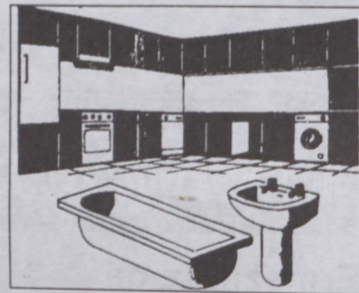
Junto à Caixa de Crédito Agrícola C/cave. Área total aprox. 200 m²

Telefone 051-43019

VENDE-SE

Restaurante
«O Minhoto»
Melgaço
Contactar pelo
Tel. 44878
ou no local

António Alberto Pinto de Oliveira



COMÉRCIO DE AJULEJOS,
MOSAICOS,
LOUÇAS SANITÁRIAS,
BANHEIRAS,
TORNEIRAS, ETC.

LOJA: Rua Joaquim Pires Jorge, Lote 143
Casal Machados - Catujal - 2685 SACAVÉM
Tel. e Fax: 9412664 • Telemóvel: 0936-451921
ARMAZ.: Casal Machados - Catujal
2685 SACAVÉM

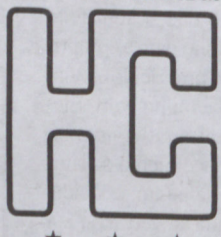
HOTEL TURISMO



★ ★ ★ ★

Praceta João XXI - 4710 Braga
Tel. (053) 612200 - Fax (053) 612211

HOTEL CARANDÁ



★ ★ ★

Avenida da Liberdade, 96 - 4710 Braga
Tel. (053) 614500 - Fax (053) 614550

Cada cliente, um amigo: cada melgacense, um familiar.

**Agência Funerária
Orquídea**

COM AUTO-FÚNEBRE PRÓPRIO

Fazemos funerais e transladações para todo o País e Estrangeiro. Tudo relacionado com o Funeral e todo o trabalho em flores naturais.

Serviço permanente
Contacte-nos pelos telefones:
Diurno: em Melgaço = 43048
Noctuno: em Alvaredo = 416037

REPRESENTANTE AUTORIZADO DA FIRMA



Campas em Granito e Bronzes

Arte Funerária

Largo Hermenegildo Solheiro

DECOR. ALTO.MINHO

DE Manuel Luis Domingues

Cortinados • Varões • Sanefas

Uma casa bem decorada é sinal de distinção e elevação.

Estrada Nacional - Vila • Telf. 43903 • MELGAÇO

Rancho Folclórico de Paderne/Melgaço

O Rancho Folclórico de Paderne/Melgaço deu início à sua nova época folclórica logo no dia 2 de Março, com uma bela exibição perante os Con-

Amparo, no lugar do Barral, e no dia 27 do mesmo mês, na Feira Mostra dos enchidos e do vinho alvarinho, em Melgaço, juntamente com o Rancho



gressistas e convidados presentes ao VIII Congresso de GASTRONOMIA do Minho, neste ano levado a efeito no nosso concelho, e cujo encerramento se efectuou na Adegas Regionais «Quintas de Melgaço», que com um repasto digno dos mais distintos convivas, brindou todos os presentes.

E foi precisamente aí que o nosso Rancho, a convite da nossa Câmara Municipal, actuou perante tão distinta assistência, e que o Senhor Presidente do Governo da Galiza, Senhor Fraga Iribarne, que estava presente, se mostrou interessado na nossa ida a actuar no programa «Luar» da T.V. Galiza, pelo que, logo no dia seguinte, a nossa Câmara Municipal, a pedido da T.V. Galiza, nos transmite o convite.

Depois de diversos contactos com os Serviços daquela Estação de Televisão a nossa exibição naqueles estúdios e perante o imenso público que vê aquele programa, fez-se na noite de 16 de Maio, com imensos aplausos do público presente, que não cessava de nos vitoriar, e que, além disso, sabemos ter sido muito bem aceite por quem, através da televisão, teve o privilégio de nos ver actuar.

No dia 5 de Abril o nosso Rancho actuou na Festa de Nossa Senhora do

Folclórico de Barbeita.

No mês de Maio, além da actuação na T.V. Galiza, o nosso Rancho teve mais duas actuações: - Uma em Frade de Baixo-Alpiarça, no Ribatejo, no Festival de Folclores Rancho Folclórico da Região, onde além do Rancho da Casa e do nosso Rancho, se exibiram: - Rancho Folclórico «Os Pastores de Aço», do Fundão; «As Vendedoras Saloias», de Sintra e o Rancho Folclórico da Casa do Povo de Alpiarça, e no dia 25 na Vila de Melgaço, perante o público presente na Feira Mostra do Ambiente.

Neste mês de Junho já tivemos duas actuações: - Uma no dia 7, na Vila de Salvaterra dos Magos, próximo de Vila Franca de Xira, num Festival de Folclore, e a outra no dia 8, em Ponte de Lima no VII Encontro de Folclore do Alto Minho, com a participação de dez Grupos Folclóricos, um de cada concelho de Distrito de Viana do Castelo. Este Festival é organizado todos os anos, e nele participa sempre o mesmo Rancho de cada um dos concelhos do Distrito. No próximo ano cabe-nos a nós organizá-lo. O Festival de Salvaterra de Magos foi em Homenagem ao Campino e nele actuaram 5 Ranchos.

Além destas actuações, no mês de Junho ainda temos mais três, já contratadas: - duas no dia 15, uma na tarde desse dia, na Feira Agrícola do Vale do Mouro, em S. Paio de Segude-Monção, outra na noite, também desse dia, na Vila de Valença, e a última em Lavradas-Ponte da Barca, num Festival do Rancho da Região, cujo programa ainda não conhecemos.

Já temos feitos diversos contratos para os meses que a seguir virão, para festas religiosas, um para um Festival Folclórico em Vila Praia de Âncora, no dia 13 de Setembro, promovido pelo Grupo Etnográfico de Vila Praia de Âncora, cujo programa ainda não conhecemos, e outro para o dia 20 de Setembro, também para um Festival de Folclore na Alpiagra/97, na Vila de Alpiarça-Ribatejo, onde actuarão os seguintes Grupos: - Rancho Folclórico de Frade de Baixo - Ribatejo; Rancho Folclórico de Paderne/Melgaço; Rancho Folclórico Infantil da Casa do Povo de Loulé - Algarve; Rancho Folclórico Canastinhas do Telhado-Fundão; Rancho Folclórico de Vila Nova de Coito - Almoester, Ribatejo; Rancho Folclórico de Castelo de Vide - Alentejo, e Rancho Folclórico da Casa do Povo de Alpiarça - Ribatejo.

— Como facilmente podemos deduzir de tudo o que atrás relatamos, concluímos que o pessoal do Rancho Folclórico de Paderne/Melgaço não se tem furtado ao trabalho, a fim de tornar o Rancho bem conhecido no País, onde as nossas actividades já são muito apoiadas. Mas para o nosso lançamento

através do País e a melhoria das nossas actividades, muito tem contribuído a valiosa contribuição que a nossa Câmara Municipal nos tem prestado.

Agora, após estas provas apresentadas, esperamos que, no meio que nos circunda, haja aquele apoio que merecemos.

M.P.

P.S.: No fim da apresentação do nosso

Rancho aos presentes, foi entregue ao nosso Presidente, Rui Pinho, o testemunho da organização do nosso Festival, bem como a Bandeira deste e toda a documentação a ele respeitante, sendo ali mesmo, comunicado aos presentes, que o novo Festival Folclórico do Alto Minho se realiza no segundo Domingo de Junho de 1998, em Melgaço.

10 de Junho Condecorações

Dia de Portugal, 10 de Junho é aproveitado para entregar muitas condecorações.

Assim aconteceu mais uma vez



e na cidade de Chaves, onde se realizou a festa nacional.

O «Diário de Notícias» de 9 de Junho fez um inquérito a este respeito e achamos interessante esta resposta do Padre Maia, Presidente da UIPSS:

«Se fosse Presidente da República condecorava aqueles que não querem. Que não aparecem nas páginas dos jornais ou nas imagens da televisão. Os que se preocupam com os outros e defendem os verdadeiros valores do homem. Também os desempregados que ainda têm coragem de sobreviver, apesar do egoísmo da sociedade».

NA VANGUARDA DE TODAS AS LINHAS



LINHA 1200

1210 / 1220 / 1230 / 1250 / 1260



Agente Oficial para o Concelho de MELGAÇO

- Nova linha de mini tractores Massey-Ferguson, 5 modelos, com uma gama de potências de 17 a 35 HP (DIN).
- Todos os modelos em versão 4RM, maior capacidade de tracção, maior rendimento.
- Transmissão com inversor sincronizado (MF 1250/1260), maior facilidade nas manobras, maior versatilidade. 16 velocidades para a frente, 16 para trás (MF 1250/1260).
- Tomada de força independente com duas velocidades (540/1000 rpm), ideal para qualquer serviço.



Garagem

Lema

DE: António Rocha Lima

Rua da Calçada - Vila - 4960 MELGAÇO
Tels. 051-42105 / 44782 Fax 051-44782

Telemóveis | 0676 352678
0936 842812

CENTRO COMERCIAL EUROPA

Na Cidade Nova em Valença com frente para o novo campo da feira e rodeado pelo Mercado Municipal, Centro Coordenador de transportes e outros serviços de utilidade pública.

O Centro Comercial Europa é um edifício digno desse nome, o seu interior é amplo e atractivo, tem jardins, quedas de água, chafariz, elevador panorâmico, corredores com 4 m de largo, quente no inverno e fresco no verão.

Lojas de todos os tamanhos; escritórios livres de onus ou encargos.

VENHA VISITÁ-LO, ESTÁ QUASE PRONTO

G&M GOMES & MALHEIRO, LDA.

Na Cidade Nova em Valença - Tel. 824530 - VALENÇA

MEDIAÇÃO DE SEGUROS

AMADEU PEREIRA E CARLOS PEREIRA

PORTUGAL PREVIDENTE • **bonança** • ALIANÇA U.A.P.
• GLOBAL • MAPFRE • FIDELIDADE

Consulte-nos Sempre! Com certeza ficará satisfeito.

Rua Fonte da Vila S/N - 4960 MELGAÇO Tel./Fax. 051-42903

CLIMELGAÇO

CLÍNICA DE MEDICINA DENTÁRIA, LDA.

Gabriela Domingues • Manuel António Costa
MÉDICOS DENTISTAS, pela Faculdade de Medicina Dentária do Porto

Rua Dr. António Durães • Telef. 44225 • Vila - 4960 MELGAÇO

ELECTROVISÃO

Maria Adelaide Fernandes

Agente Oficial das Marcas: AEG / TELEFUNKEN e GRUNDIG

Assistência Técnica
Venda de Aparelhos
Electrodomésticos

Rua do Rio do Porto
Telf. 42650 • 4960 MELGAÇO

ELABORAÇÃO DE PROJECTOS DE ENGENHARIA

A. Moura Lopes
ENGENHEIRO CIVIL

R. Dr. António Durães, 3º Dto.
Tel. 051-44206 • 4960 MELGAÇO

Recordando... meditando Preservação maravilhosa

Há factos maravilhosos desconhecidos passados há séculos, que se vêm a saber através de velhos manuscritos, que felizmente não se perderam na voragem dos tempos, como tem sucedido a outros.

Alguém tinha o cuidado de os relatar e guardar e é quase um milagre chegarem ao nosso conhecimento nos dias de hoje.

Um desses factos relata o seguinte:

— Ao serviço da Rainha Santa Isabel de Portugal, estava um pagem que, pela sua piedade e simplicidade, era muito querido da sua Real ama.

Os outros pagens da Corte tinham inveja deste bom mancebo, em quem a Rainha depositava grande confiança, enquanto eles não lhe inspiravam nenhuma, devido ao seu mau comportamento.

Essa inveja chegou ao ponto de inventarem ao Rei as mais abomináveis mentiras sobre o seu companheiro, o qual, acreditando-as, é triste dizê-lo, sem se dar ao trabalho de indagar o que havia ou não de verdadeiro nelas, resolveu, sem mais demora, desfazer-se do inocente jovem.

Passando, pouco tempo depois, por um forno de cal, que havia a pequena distância da cidade, o Rei, chamou um dos operários e ordenou-lhe: Quando na manhã seguinte, viesse alguém perguntar-lhe se tinha cumprido as ordens do Rei, o atirasse imediatamente para dentro do forno a arder. Além de que o Rei ameaçou o homem que o castigaria severamente, se ele desobedecesse ou contasse a alguém.

No dia seguinte, muito cedo, o Rei mandou chamar o pobre pagem e disse-lhe que fosse depressa até ao forno saber se as suas ordens se tinham executado.

O jovem, sempre pronto a obedecer, pôs-se a caminho, mas ao mesmo tempo cheio de pena com a ideia de que, provavelmente, ficaria nesse dia sem missa.

Passando por uma Igreja resolveu entrar, para ao menos rezar uma oração. Por coincidência, no momento, subia um sacerdote ao altar para rezar a Santa Missa. Não hesitou em ficar, pois pouco tempo perderia a assistir e iria a correr fazer o recado do Rei.

Entretanto, o Rei, impaciente por

saber se tudo tinha sido feito como ele mandara, chamou outro pagem, aquele mesmo que tinha inventado tantas mentiras sobre o seu companheiro, e mandou-o ao forno e perguntasse se tinham obedecido às suas ordens.

O pagem, adivinhando essas ordens, largou a correr para mais depressa saber se a sua vítima estaria morta.

A pressa que teve fez com que chegasse ao forno mais cedo do que o primeiro pagem que o Rei mandara, de modo que logo o agarraram, e, apesar de todas as explicações que se esforçou por dar, atiraram-no vivo para dentro do forno em brasa.

Dali a momentos chegou o pagem bom e ficou muito admirado ao saber qual teria sido a sua medonha sina, se tivesse chegado uns minutos mais cedo.

Muito aflito e desejando saber no que tinha ofendido o seu Rei, voltou para o palácio e apresentou-se diante dele. Pode-se bem imaginar o espanto do Rei quando o viu são e salvo. Ao ouvir como fora a Santa Missa que salvara a vida do mancebo, o Rei encheu-se de remorsos do seu cruel propósito e foi contar tudo à Rainha.

Ela, suave e bondosamente, lhe explicou, que a razão por que preferia este pagem, era, unicamente, pela sua piedade e, por poder, por seu intermédio, distribuir secretamente as suas esmolas.

4 de Abril de 1997
M.S.

Fundamentos da Conservação do Património Religioso

A Comissão Nacional de Arte sacra e do Património Cultural da Igreja, promoveu, em Fátima, um encontro no qual se estudou a Acção de Formação «Defesa e Valorização do Património Cultural Religioso».

O encontro efectuou-se nos dias 18 e 19 de Abril passado, e presidiu à abertura dos trabalhos o Bispo de Leiria e Fátima, D. Serafim Ferreira e Silva.

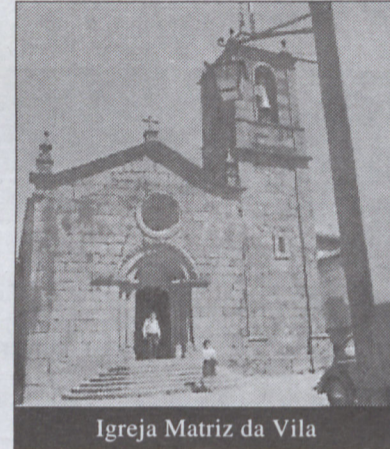
O Curso debruçou-se sobre a conservação dos bens e segurança contra os roubos.

Falou-se, ainda, de acolhimento aos visitantes e do arranjo e ornamentação das Igrejas.

Abordaram-se, também, «as relações entre a Igreja e o Estado, os problemas jurídicos da gestão do património, o valor catequístico da arte sacra e a coexistência, nem sempre fácil, do culto quotidiano e do turismo nas Igrejas históricas».

Foi soleníssima a festividade do Corpo e Sangue de Cristo

Celebrou-se no passado dia 29 de Maio, na nossa Vila de Melgaço, a Festividade do Corpo e Sangue de Cristo, organizada pelo Arciprestado de Melgaço.



Igreja Matriz da Vila

A soleníssima celebração foi precedida de uma preparação intelectual e espiritual, que se realizou no Auditório da Casa da Cultura, nos dias 26, 27 e 28, onde foi abordado por distintos oradores, o tema central: «Jesus Cristo, único Salvador do Mundo, ontem, hoje e sempre».

As conferências realizaram-se às 21 e 30 horas.

No dia 26, o Pe. Dr. Manuel Gonçalves do Vale abordou o tema: «Jesus de Nazaré. A História». O orador testemunhou-nos um Jesus/Homem/Deus, que na sua presença histórica foi combatido porque o Reino de Deus precisava de um espaço e de uma mentalidade novos para irromper. Pagou a sua ousadia com a morte na cruz.

No dia 27, o Doutor João Duque abordou o tema: «Jesus Cristo, único Salvador», e desenvolveu-o desta ma-

neira: «Vitorioso na Cruz, revela-se, em definitivo, como o enviado do Pai, para dar um novo sentido a toda a criação. Jesus Cristo é o fundamento da nossa fé, o sentido da nossa vida e o conteúdo do nosso testemunho».

No dia 28, o Pe. Dr. José Correia Vilar disse que nós somos discípulos e apóstolos desse Cristo, seus seguidores e anunciadores, o que implica entrega total a Cristo e à Sua mensagem.

No dia 29 efectuou-se a celebração da festividade do Corpo e Sangue de Cristo, na qual participaram numerosíssimos fieis, provenientes das várias paróquias do Concelho, que expressaram a sua fé e a sua espiritualidade com extraordinária participação na liturgia e nos cânticos.

A liturgia foi animada por um coro inter-paroquial e presidida por Monsenhor Sebastião Ferreira, Vigário Geral da Diocese de Viana do Castelo.

As ruas do percurso da procissão estavam ricamente embelezadas, das sacadas pendiam colchas.

Mas o mais significativo foi, indubitavelmente, a presença de numerosíssimos fieis de todas as freguesias do Concelho, os quais encheram o espaço de cânticos fervorosos. Foi impressionante.

A procissão saiu da Igreja Matriz e desfilou sobre ruas atapetadas de flores, recolhendo à Igreja do Convento.

Ao recolher à Igreja do Convento, Monsenhor Vigário Geral, antes da bênção, dirigiu a palavra de circunstância, aos fieis, os quais, por não caberem no templo, se aglomeravam no adro e nas cercanias do mesmo templo.

Monsenhor Sebastião, entoando em belas frases um hino à Eucaristia, não pôde esconder, ante o maravilhoso espectáculo de Fé e de Piedade, os seus parabéns ao clero do arciprestado, e aos fieis.

VENDE-SE CASA E PROPRIEDADES

Em Requeijo - Roussas

A família de Américo Esteves, que era natural de Requeijo, em Roussas, vende casa e propriedades situadas nesse lugar, muito bem localizadas.

Terreno bom para vinha, com água abundante, marginando com a estrada.

Ótimo investimento.

Contacto: Braga, Quinta da Naia, Telef. 053.693147

AUTO PNEUS MELGACENSE

DE: António José de Carvalho Lima



Calibragem de rodas e alinhamento de direcções • Pneus nacionais e estrangeiros

RECAUCHUTAGEM IMPÉRIO

Mabor • Michelin • Kleber • Bridgestone
Goodyear • Semperit • Continental • Firestone
Pirelli • Stunner • Dunlop

ESTAÇÃO DE SERVIÇO E ASSISTÊNCIA PNEUMÁTICA

SANTO CRISTO • TEL./FAX 051-43926 • 4960 MELGAÇO

Construções Real & Real, Lda.

CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS

Projecção de revestimentos exteriores e rebocos projectados.

Qualidade - Bons preços e cumprimento de prazos

Empresa jovem, mas com obra feita e à vista de todos.

S. Gregório - Cristóval - Telefone 43844
4960 MELGAÇO

Casa Paris

Fundada em 1966

de Jaime Afonso

Especializada em Louças, Cristais e Artesanato

Serviços de jantar, café e chá • Serviços de copos cristal e vidro • Bronzes • Cobres • Quadros Óleo • Brinquedos • Louças Decorativas e Brindes

LARGO DA CALÇADA • TEL. 42264 • 4960 MELGAÇO

construções DOMINGUES



■■■■ CONSTRUÍMOS, VENDEMOS E ALUGAMOS ■■■■

Apartamentos T1-T2-T3; Comércio, Escritórios, Consultórios

■■■■■■ VENDEMOS LOTES DE TERRENO ■■■■■■

LOCAIS: Rua Dr. José C. Gomes de Abreu; Rua Dr. António Durães; Santo Cristo e Escola C+S.

Temos atendimento personalizado

TELEFONES: 43433-44747 • TELEFAX: 44747

Funerária Mira

A primeira:

- ✓ no tempo
- ✓ no serviço e agrado
- ✓ na qualidade e custo
- ✓ no saber estar e acompanhar

Auto fúnebre para funerais. Transladações em todo o país e estrangeiro

Serviço Permanente

Alvaredo e Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 416237-44014 • MELGAÇO

Programa Infante D. Henrique

A Delegação Regional do Instituto Português da Juventude de Viana do Castelo propõe-se colaborar para a realização do «Programa Infante D. Henrique».

Este programa inclui «Campos de Trabalho Nacionais» e «Campos de Trabalho Internacionais», destinando-se, estes, a jovens dos 18 aos 30 anos, e os Nacionais, a jovens dos 16 aos 30 anos.

Para se informarem das datas da efectivação dos mesmos e para inscrições a Delegação do Instituto Português da Juventude está ao dispor.

Pe. Carlos Vaz - 25 anos depois...

Mais viva a saudade... mais sentida a gratidão

(continuação da pág. 1)

Santa Rita e Cavaleiros, e a comoção que constituíam as festas de primeira comunhão e de comunhão solene!

tência familiar e espiritual.

Como décima pétala, a devoção à Virgem, desde o Sameiro a Fátima, à Senhora da Soledade, na paróquia, e

para um cântico de louvor e acção de graças pela nossa condição de cristãos.

O grupo desceu depois para Melgaço, visitou as muralhas, o Castelo, o Centro Histórico, viu praticar o «slide»: a descida do Castelo para o Mercado através de uma corda dependurada numa outra, e rumou depois para Lamas de Mouro e Peneda, a caminho de Braga.

A nossa terra é mais rica do que alguns pensam e agem. Merece outro enquadramento e que se dê vida à visão esclarecida e crítica das coisas. Dizer sim a torto e direito, só porque agrada mais a quem manda, revela duas coisas inadmissíveis: medo das autoridades, cujo autoritarismo ou mesmo despotismo se teme; restrição e diminuição da própria inteligência e liberdade que são os dois maiores bens que possuímos e que não devemos hipotecar com comportamentos menos adultos. Eram os comportamentos de servilismo e de malandrice de alguns que o famoso Frade de Fiães vituperava já há muito em alguns concidadãos que têm o nome de melgacenses, mas que desmerecem de tão nobre condição pelos comportamentos indignos que protagonizam. Não



A boa disposição de alguns elementos do grupo coral

Como sétima pétala, destacaria a preocupação com o bem estar total dos paroquianos e de todos quantos lhe batessem à porta. Foram centenas aqueles por quem interferiu junto das mais variadas instâncias a fim de os ajudar a alcançar um lugar onde pudessem ganhar o pão. Foram milhares, muitos milhares de portugueses os que beneficiaram das suas iniciativas e das duas amnistias que conseguiu em favor dos sacrificados emigrantes que, fruto das leis de então, não podiam visitar a sua terra e famílias, sem correr riscos seriíssimos de prisão e de perda do trabalho.

Como oitava pétala, poderia colocar a acção na Igreja paroquial, a intervenção para que a estrada para Fiães se concretizasse, a renovação dos processos de cultivo agrícola, incluindo a remodelação da Levada do Ranhadouro, a arborização dos baldios, que são, hoje, fonte de riqueza de toda a Freguesia.

Como nona pétala, a atenção aos doentes, as visitas frequentes aos mesmos e a garantia de que não lhes faltassem os cuidados fundamentais e a assis-

sobretudo à Senhora da Peneda, onde, todos os anos, a 5 de Setembro, ia celebrar o aniversário natalício.

Enumerei 10 das pétalas que, penso, exomam o bouquet da sua vida. Muitas outras poderia invocar, mas ficam para aquele diálogo íntimo que só cada um de nós tem em profundidade com o Criador e Senhor, o Confidente e Amigo que nos compreende e aceita como ninguém é capaz de o fazer.

E como na origem de toda a vida de um cristão está o seu Baptismo, após o retemperador almoço e os momentos de alegre convívio junto de Santa Rita, dirigimo-nos para Fiães, Igreja onde o Pe. Carlos nasceu para Deus. Ali, a Natureza, a arte e a Espiritualidade combinam de maneira excepcional para quem sabe estar atento e é capaz de ler e decifrar. Já dentro da Igreja, foi ocasião



O convívio ao ar livre no recinto circundante à «Casa da Mesa»

são da estirpe de Inês Negra, mas da Arrenegada. Mas mais vituperaria o cáustico Frade: os que se aproveitam do poder em benefício próprio ou dos apaniguados, que atentam, por todos os meios, contra quem ousa chamá-los à razão e que até perseguem os que, felizmente, têm um

foi aceite na congregação europeia de Cister, mal concordaram com a filiação, enviaram da casa-mãe o abade, o arquitecto, o responsável da liturgia e não sei se alguém mais. Estes responsáveis tomaram a si construir o imóvel do futuro mosteiro igual ao da casa-mãe. Assim aconteceu. E como Fiães estava fora dos caminhos da época, apesar de se afirmar que havia vias romanas por cá, o que é pura fantasia, os visitantes de Alcobaça, quando, de 3 em 3 anos, tinham de fazer o inquérito para conhecer o *statu quo* da comunidade, não vinham a esta terra do fim do mundo: instalavam-se na Abadia, em Amares, e representantes de cá desciam a Ermelo até à Abadia onde prestavam as informações solicitadas.

Claro, uma que outra vez, atreviam-se a ir até lá cima, a Fiães, mas que saibamos, nunca no Inverno.

— E agora, amigo céptico, ainda continuas reticente?

Nada melhor que experimentar para ver.

Aliás, já estás convencido de que há absoluta necessidade e urgência em reconstruir o que ainda se adivinha, em Fiães, através das ruínas de 1968?

Quando acabamos com essa fatalidade, com essa «coisa» que dá pelo nome de cepticismo, abulia, indiferença de quase todos nós?

Luis de Castro

cartão de identidade limpo e resplandecente. Foi, talvez, um dos melhores legados do Pe. Carlos: continuar a dizer a verdade, toda a verdade, por mais que incomode e traga dissabores.

E, pese embora o oportunismo de bastantes, ainda há muitos que, pelo menos nos momentos de profunda verdade, sabem dar razão a quem efectivamente a tem.

Louvado Deus!

Carlos Nuno

Que Santa Rita seja a nossa protectora nas obras consideradas impossíveis.

Que S. Bento, com o lema «Reza e Trabalha» constitua o mais forte bastião destas gentes, pois só com esse lema venceremos positivamente todos os enormes desafios que nos esperam no futuro imediato.

Que saudades... de Monção...

Por exigência da saúde, frequentamos as Termas de Monção durante a segunda quizena de Agosto, do ano passado.

São famosas, estas Termas, para onde convergem pessoas do Alto Minho e da vizinha Galiza.

Fui a primeira vez a estas Termas, ainda tinha uns onze anos, a acompanhar meu tio e padrinho P. João, que sofria de uma impertinente e monstruosa bronquite asmática, que ele aticava com o cigarro.

Não voltei às Termas, senão nos anos de 1995 e 1996.

Quando passo por Monção ou que demoro ali, a minha memória, e, até, o coração, despertam-me, envolto em grande saudade.

Monção era passagem obrigatória quando frequentávamos o Seminário de Braga quer como aluno quer como professor. Não havia as caminhetas directas de Melgaço a Braga, e, quando apareceram, como era jornalista, tinha viagem de graça nas caminhetas de ferro portuguesas, razão pela qual preferia o comboio.

Durante esses anos, almoçávamos sempre no restaurante Vaticano, junto à estação do caminho de ferro. Era um restaurante famoso, não só pela culinária mas também pela maneira extraordinária, de gentileza e bondade, com que o seu proprietário, nos recebia.

Parece-me que o seu nome era Viriato Nunes.

Havia a sala grande de jantar e uma sala pequena onde o proprietário almoçava diariamente, e sentava à sua mesa os amigos.

Quando vínhamos de Braga, o tempo que nos ligava do comboio à caminheta era curto, razão por que não podíamos aguardar a morosidade habitual do serviço em tais circunstâncias.

O Sr. Nunes sentava-nos à sua mesa.

E, quando pedíamos a conta, para apanhar a caminheta sempre apressada para chegar a Melgaço, o Sr. Viriato Nunes dizia carinhosamente: «Paga, quando regressar».

Por falar no Restaurante Vaticano, desejo referir que, em Monção, havia um outro, também de gabarito. Era a Teresinha Gomes.

Estes dois restaurantes chamaram muitas pessoas, durante anos, a Monção, tal a sua fama bem merecida.

No período da lampreia, a vila de Monção era uma praça animada de visitantes, os quais vinham só para

apreciar a boa lampreia do Rio Minho, na vila de Monção, e, preferentemente, nesses dois restaurantes: o Vaticano e a Teresinha Gomes.

No tempo da lampreia, só em Entre-os-Rios é que se registava também uma grande afluência, mormente da cidade do Porto.

Diziam os entendidos, de então, que a lampreia e o sável do Rio Minho eram os mais saborosos do País. E, os mais exigentes chegavam a afirmar que a própria lampreia do Rio Minho, a que se pescava de Monção até S. Gregório e na Galiza era a mais saborosa, devido às quedas das águas que batiam a lampreia.

Mas não era só a lampreia que afamava esses restaurantes. Eram também os pratos diários, que incluíam a boa pescada «de Vigo» a truta do Rio Minho e a deliciosa carne de vaca e de cabrito.

Que pena vivermos, hoje, só da saudade!

No período a que me reporto, o vinho Alvarinho era produzido em três ou quatro propriedades em quantidade reduzida. Hoje, felizmente, o Vinho Alvarinho já enche centenas e centenas de pipas.

Pena que a culinária não acompanhe esta presença do excelente Vinho Alvarinho, ressuscitando um passado que foi maravilhoso.

De Monção tenho, ainda, uma grata e nobre recordação do meu passado.

Era eu muito jovem, e não sonhava com vir a ser, um dia, professor de Português, quando meu tio e padrinho, Padre João Vaz, se cruza, na rua que conduz às Termas, com um Condiscípulo.

Abraçam-se, conversam, e, havendo-se despedido, disse-me, a mim, jovem, muito jovem: «Este Senhor é padre, mas não exerce».

Não me escondeu a realidade e despertou, em mim, o respeito que se deve ter por toda a pessoa com que deparamos na vida. E, no caso, com um Condiscípulo.

Pois bem. Mais tarde, já como professor de Português, soube quem era esse cavalheiro, que julgo se chamava Rodrigo Fontinha. Era nem mais nem menos do que o Autor da, para mim, a melhor Gramática Portuguesa de quantas, e eram bastantes, se usavam no ensino secundário.

Que saudades de Monção!...

Júlio Vaz

Sabia?

Filme rodado em Melgaço no Festival de Cinema de Cannes!...

Melgaço, hein? A terra do fim do mundo!...

Não te irrites, Zé, ou não mostres que és ignorante. Então não sabes que a



Fiães em 1968. Alçada Sul (VI Centenário da Conquista de Melgaço)

dois passos daqui, na vizinha Galiza, há o Cabo Finisterra? E sabes o que isso quer dizer? Apenas isto: Cabo do fim da terra ou do fim do mundo...

Chama-se o filme «Viagem ao princípio do Mundo», foi rodado por Manuel de Oliveira, nele tomando parte o cé-

lebre actor italiano Marcelo Mastroianni, entretanto falecido.

Acaba de ser exibido no Porto em ante-estreia e esteve presente a actriz francesa Catherine Deneuve e o Ministro da Cultura Manuel Maria Carrilho.

A multidão ocorreu em massa e não coube no recinto.

A partir de 17 de Maio, vai ser exibido em Portugal.

Vejam só que bela e única oportunidade para varrer da nossa terra essa «coisa» que impede-se comece de vez a elaborar um calendário para começar a atrair turistas em massa, para lhes mostrar com orgulho o que fomos e o que soubemos realizar.

Lá está ele, o fantasista. Que é que há em Melgaço que interesse aos turistas para cá vir em massa?

Só isto. Fiães, concretamente a igreja do que resta do velho mosteiro, é a única actualmente existente na Europa com o estilo, aliás já não puro e inteiro, do específico românico de Cister, a não ser a fachada.

Quando Fiães, pela mão de Tarouca,

Ponte Peso - Arbo

Com a presença do Presidente da Junta da Galiza, D. Manuel Fraga Iribarne, autoridades locais da Galiza e de Portugal e

muito povo foi lançada no passado dia 11, às 16.30 horas, a primeira pedra da construção da Ponte Internacional Peso-Arbo.

Diga toda a verdade, Rui Solheiro!

E dê iguais oportunidades aos outros!

O Presidente da Câmara disse, em público, várias vezes, que os dois vereadores actuais do PSD tinham um processo judicial por difamação.

Num jornal local de que é director o Vice-Presidente Luís do Val, escreveu-se que o Vereador V. Vaz tinha dois processos em tribunal.

Para conhecimento dos leitores, informo que a Câmara Municipal e o seu Presidente já me moveram, neste mandato, três processos. O primeiro foi movido logo no início do mandato, contra mim e o então vereador Dr. Alberto Esteves. O processo intentado foi amnistiado e nunca soubemos o motivo que lhe deu origem, embora, em reunião pública, tivéssemos solicitado ao senhor Presidente que nos informasse.

O segundo processo foi movido contra mim e o vereador Carlos Antonino por termos tido a ousadia de pedir um inquérito à Câmara Municipal de Melgaço com a finalidade de se esclarecerem algumas dúvidas que podiam lançar algum descrédito sobre todos os que fazem parte da Câmara.

O senhor Presidente sentiu-se caluniado, injuriado e difamado com os considerandos que antecedem o pedido de inquérito.

A Câmara é composta por sete vereadores e, até hoje, a única pessoa que se sentiu injuriada, difamada e caluniada foi o Presidente Rui Solheiro.

É de registar que, apesar de o senhor Presidente pensar que o assunto lhe dizia respeito, participou na votação e tomou posição contrária ao pedido de inquérito.

O terceiro processo foi movido só contra o signatário deste artigo, tendo como base 2 textos aparecidos nos jornais «A Voz de Melgaço» e «Jornal de Melgaço» sobre dívidas da Câmara a algumas empresas e sobretudo a restaurantes.

O Presidente da Câmara e a maioria socialista quiseram que fosse eu o autor da notícia. Fizeram, votaram e aprovaram, com a única razão que lhes dá a maioria de votos, uma moção de censura, em reunião camarária, contra a minha pessoa. Não me deixaram intervir na discussão nem na votação, com o argumento de que era um assunto que me dizia respeito pessoalmente. Não satisfeitos, fizeram transcrever no jornal que dirige Luís do Val, «Melgaço hoje», com o único intuito de me difamar, o conteúdo da moção de censura, apesar de estarem informados de que não era eu o autor da notícia. Mais, em reunião camarária, disse e reafirmei que não era eu o autor da notícia e que, dado ter havido fuga de informação relativamente ao processo de aceitação da doação da Adega Quintas de Melgaço, processo qualificado pelo senhor Presidente de sigiloso e que só podia ser do conhecimento do Presidente da Câmara, do doador e dos serviços jurídicos, se fizesse um inquérito no sentido de apurar quem fora o autor da notícia da doação aparecida antes do tempo no «Correio do Minho». E que se inquirisse também quem teria sido o autor das notícias das dívidas da Câmara aparecidas nos dois jornais da terra.

Como quase sempre, com a única razão da maioria de votos, o Presidente e maioria socialista votaram contra a minha proposta. Não quiseram fazer o inquérito para averi-

guar a verdade.

Resolveu, porém, processar-me, indicando-me como o autor da notícia.

Em Melgaço, o diálogo, o consenso tão apregoado pelo Primeiro Ministro tem como procedimento o processo judicial. Era tão fácil repor a verdade, se algo de errado tivesse sido publicado: bastava mandar uma nota para os jornais a esclarecer o que eventualmente precisasse de esclarecimento. Não! Preferiram tentar atemorizar o vereador e silenciar a todo o custo as críticas da oposição.

Porque não manda fazer o Presidente da Câmara um inquérito a fim de averiguar quem é o autor da fuga de informação do processo de doação da participação maioritária de Amadeu Abílio Lopes na Adega Quintas de Melgaço à Câmara Municipal? Era tão simples a averiguação, dado o processo ter sido classificado pelo senhor Presidente de sigiloso! *Só poderia estar a origem da fuga ou no Presidente, ou no Doador ou nos serviços jurídicos!*

A Montanha pariu um rato!

O senhor Presidente tornou público que, relativamente aos resultados da Inspeção feita ao Município pelo IGAT, a montanha tinha parido um rato.

Todos sabemos que, no campo da genética, a ciência está muito avançada. Hoje já não é preciso um rato para que a fêmea possa ter filhos. Por métodos artificiais contra a própria natureza das coisas, o homem até já faz com que a ovelha consiga parir sem precisar do carneiro para nada. Quanto mais para uma montanha, com tantos ratos, parir um rato! Mas, das duas, uma: ou houve intervenção estranha, e a cria é artificial, é contra a ordem natural das coisas, ou o senhor Presidente julga que os melgacenses estão no séc. XV e quer fazer-lhes crer que as moscas também nascem do estrume e que os ratos nascem numa camisa suada metida dentro de uma moca.

O senhor Presidente podia divulgar aos melgacenses as ilegalidades que, apesar de tudo, o relatório da Inspeção refere que ele cometeu.

Se o não fizer, terei eu de, em devido tempo, o fazer.

Termino fazendo uma interrogação: — O inspector detectou ilegalidades e irregularidades. Até hoje, apesar do resultado da inspeção ser do conhecimento de algumas instâncias, *nada se fez.*

O senhor Presidente *continua a cometer*, impunemente, algumas das ilegalidades apontadas pelo senhor Inspector. Até quando? Para que servem as inspeções? E as instituições são para funcionar de acordo com a lei vigente ou para deixar correr?! E o respeito pelas leis, não vale nada?

O Vereador do PSD

Luís Vergara Vaz

Obras essenciais postas a concurso, finalmente!

Porquê só agora? Era necessário tal agravamento de custos?

Arruamento do Outeiro à Igreja — Chaviães

Acesso da Senhora da Graça a Surribas — Roussas

Caminho rural do Barreiro — Gave

Caminho Municipal Prado — Paderne

Caminho Municipal Maninho — Bouças — Alvaredo

Caminho Pico Vitadraque — Cristóval

Acesso a Tortim — Cristóval
Ligação Pombeira — Costinha — Roussas.

Os vereadores do PSD sempre alertaram para a má gestão que o Presidente da Câmara e maioria socialista vêm fazendo no município de Melgaço. Obras megalómanas, como as piscinas municipais, a Escola de Ensino Especial com as dimensões com que foi concebida e executada, consumiram centenas de milhares de contos na sua construção e consomem anualmente milhares de contos na sua manutenção. São responsáveis pela quase totalidade da dívida que a Câmara Municipal teve de contrair com a Banca e que inviabiliza outros investimentos importantes e essenciais no futuro.

As obras mais necessárias para o desenvolvimento e bem estar da maioria da população, obras como caminhos rurais, caminhos florestais (*estes, uma necessidade prioritária em relação a todas as outras*, pois permitiriam preservar e desenvolver uma das nossas maiorias riquezas — a floresta — e que, tem sido dizimada pelo fogo, por falta dos tais caminhos florestais), abertura ou melhoramento de estradas, abastecimento de água ao domicílio, saneamento, etc., não se fizeram, ou vão andando a passo de caracol.

Enquanto as obras megalómanas andaram rapidamente, as mais ne-

cessárias ficaram no fundo da gaveta. Tudo se passou por ordem do Presidente da Câmara e da maioria socialista, com a conivência da maioria dos Presidentes de Junta de freguesia que deviam ser os principais interessados em atalhar ao mais essencial.

Os vereadores do PSD interrogaram várias vezes o senhor Presidente da Câmara sobre a razão por que não se faziam as obras em causa. Sempre respondeu que não havia dinheiro para tudo e que os Presidentes de Junta não eram da nossa opinião. Se o fossem, teriam votado contra o plano de actividades e orçamento onde constava, claramente, que, primeiro, se faziam as obras megalómanas e, depois, viria a viação rural, o saneamento e o abastecimento de água.

Contra a vontade dos vereadores do PSD que sentiam o descontentamento e a resignação ao mal-estar das esquecidas populações, quase sempre abandonadas, a maioria socialista fez aprovar um orçamento para 1997 em que faltava dinheiro para a execução das obras postas agora a concurso.

Fruto da pressão dos vereadores do PSD, a Câmara deliberou contrair mais um empréstimo e este de 250 mil contos. Só que, por má gestão e por manifesto eleitoralismo (estamos a menos de 6 meses das eleições autárquicas), o empréstimo e respectivos concursos foram feitos tardiamente.

Como estamos em ano de eleições

e as obras têm de estar concluídas antes do dia do voto, se possível no dia anterior (não vão as pessoas esquecerem-se da obra feita), dá-se um prazo de execução de 90 dias! E tal prazo acarreta um custo suplementar de 30% do valor da obra. Por cada mil contos que a obra custaria, em prazos normais, ela passa a custar mais 300 contos!

Dá perguntar: sendo as obras tão urgentes e necessárias, tanto que o prazo de execução é de 90 dias, por que se não fizeram mais cedo?

Não havia dinheiro? Agora, também não havia. Foi necessário contrair um empréstimo de 250 mil contos. Devia ter sido feito há mais tempo e garantindo um custo menor para as obras.

É evidente que as obras vão render votos.

É conflagrador que, por causa dos votos, o Presidente da Câmara e alguns presidentes de Junta, que dizem defender os interesses das populações, tivessem atrasado tanto a construção destas obras essenciais e comprometam a execução de outras com o dinheiro que estas, para estarem prontas para as eleições, vão custar a mais.

Já imaginaram quantas centenas de milhões de contos se gastariam a mais se, em todo o País, se procedesse assim?!

Luís Vaz

Vereador do PSD



NÃO FAÇA MAIS CONTAS Á VIDA!



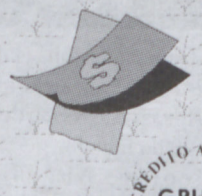
CONTA INVESTIMENTO

PARA OS SEUS INVESTIMENTOS

Em qualquer terra estes são os sítios onde a massa cresce mais.

Dámo-nos bem em qualquer terra.

Caixa de Crédito Agrícola Mútuo do Alto Minho





Mirafior

A BOUTIQUE DAS FLORES

Ramos de noiva, ornamentação de carros para casamentos, Decorações de igrejas, Arranjos de flores frescas, secas e artificiais, Coroas, Palmas, Bouquets, Corações, Etc.

Rua Dr. Afonso Costa • Telefone 44014 — Melgaço

Melgaço em Movimento

II

B. Vinhos Alvarinhos

A cultura do vinho é anterior à fundação da nacionalidade portuguesa. De Norte a Sul de Portugal a vinha cresce em ramada, em socalcos suaves, nas areias de orla marítima, nas planícies, com diversos climas, solo, artes culturais e de vinificação, que nos oferece uma variedade de vinhos personalizados como será difícil de encontrar em qualquer outra nação vinhateira.

Em rigor desconhece-se quando e como o homem bebeu o primeiro trago de vinho. Na memória dos tempos nos fica Baco, Deus do Vinho, eleito por Roma, Camões saudou o vinho da Caparica, os nossos primeiros monarcas cobraram tributos em vinho e sobre o vinho, documentos históricos atestam a importância económica do vinho na vida do país e a sua expansão por todo o território desde tempos imemoriais – **Eça de Queirós numa das suas obras testemunha as qualidades dos vinhos verdes:**

...«É divino!» Mas nada o entusiasmava como o vinho de Tormes, caindo de alto, da bojuda infusa verde – um vinho fresco, esperto, seivoso, e tendo mais alma, entrando mais na alma, que muito poema ou livro santo, mirando, à vela de sebo, o copo grosso que ele orlava de leve espuma rósea, o meu Príncipe, com um resplendor de opti-

mismo na face, citou Virgílio:

Quo te carmina dicam, Rethica? Quem dignamente te cantará, vinho amável destas serras?

Eça assim espelhou o brilho deste néctar que tanto exaltou.

No reinado do nosso penúltimo monarca, D. Carlos, são criadas em 1907 e 1908 várias regiões demarcadas, entre as quais, a nossa Região Demarcada dos Vinhos Verdes, política essa que permitiu o início sistemático do controlo da genuinidade dos vinhos, autenticados com selo de origem o que, em princípio, garante a sua personalidade mas nada esclarece sobre o seu nível de qualidade.

É o homem quem desde a vinha ao copo *determina* o êxito ou o insucesso de uma vindima caso as condições naturais tenham sido favoráveis.

Não há vinhos sem homens, sejam eles vinhos de mesa, generosos, espumantes, verdes ou o que está por descobrir, enfim, o homem é o princípio e o fim do vinho, mas agora vamos convidá-lo a beber pouco mas do melhor, e isto é, com o máximo de prazer, porque desde já fica alertado; em matéria de vinhos a quantidade é incompatível com a qualidade. Neste mundo de tão poucas verdades esta é uma verdade absoluta.

A Região dos Vinhos Verdes, está a

sofrer alterações na sua fisionomia paisagística, as ramadas, os cordões entre as árvores que animam as bordaduras dos campos tendem a desaparecer na região, para serem substituídas por vinhas mais produtivas: a de cruzeta, a de cordão duplo ou simples (aramada).

O Vinhão é a casta rainha dos tintos, mas é entre os brancos o Alvarinho, o mais nobre dos Verdes, que nos dá um vinho excepcional da sub-região de Monção – Melgaço, vinho verde Branco, de paladar leve e fresco de cor citrina e aroma delicado, tem carácter requintado e é pela sua originalidade um dos melhores. Deve beber-se fresco, a uma temperatura de cerca de 10°C., ainda «jovem» logo no ano seguinte ao da colheita.

Razões naturais de microclima e solo, fizeram de Melgaço e Monção, não só o berço mas o solar do Alvarinho, pois proporciona a este vinho uma elevada tipicidade, um pouco diferente dos outros vinhos verdes, pela sua elevada graduação alcoólica, que deve oscilar entre os 11,5 e os 13 graus, mantendo no entanto as mesmas características.

Aqui sobressai o concelho de Melgaço, um repositório espectacular de história, gastronomia, paisagem e simpatia humana. É uma região onde a transformação paisagística é mais notória.

Nos terrenos de meia – encosta, se procedeu nos últimos dez anos a profundas reestruturações da vinha tradicional para vinhas de Alvarinho. Aqui surgiu o dinamismo de produtores engarrafadores que nos trazem o «Soalheiro» a Dona Paterna e outros», aqui se quebrou o ostracismo e o esquecimento secular, aqui se provou que Melgaço é Portugal.

Homens de fé, acreditando na pátria que tanto os esqueceram, afirmaram com denodo e entusiasmo, o seu apoio à criação de adegas que preservassem a qualidade e a garantia da comercialização, para desenvolvimento da comunidade, criação de riqueza e fixação de populações, enfim, manter as características do mundo rural.

Destes projectos, surgiu, a funcionar há um ano, a Adega da empresa – Quintas de Melgaço, Agricultura e Turismo, S.A., com o seu Alvarinho de eleição «Couto de Frades», adega que acabou por reunir e unir todos os viticultores do concelho.

Entretanto não podemos deixar de referir que esta aposta, nos vinhos verdes Alvarinhos, está a despertar investimentos na vizinha Galiza, em toda a margem do rio Minho, desde a frente de S. Gregório até Caminha e muito mais na zona de Cambados e Vila Garcia de

Arosa (curiosamente distantes uma da outra cerca de 100 quilómetros) onde o aparecimento de adegas bem apetrechadas, as marcas registadas e as áreas plantadas são já em grande número.

Necessário se torna, não permitir a destruição de um passado glorioso deste vinho por forma a não deixar adulterar a qualidade e tradição do Alvarinho.

Desta forma, convidamos, os amantes dos «**Vinhos Alvarinhos**» para potenciar no tempo a preservação e defesa da sua qualidade bem como a divulgação cultural, o convívio fraterno para alegrar as almas e a comunhão no sentimento profundo de que este «néctar – divino, próprio de deuses» a todos pertence, aqui, *nesta terra de Melgaço, onde a história se revela em cada pedaço de chão, onde o azevinho, abundante, a água cristalina, o ar puríssimo, a montanha imponente, com as trutas do Rio Labreiro e o Cabrito Castrejo, não há pessoas com fome, nem estômagos sem apetite, para que os que nos visitam jamais consigam despedir-se: Voltar, voltar sempre, é um desejo, um imperativo d'alma, uma necessidade instintiva, nesta afirmação de perspectivas desejadas, que chegue a criar o sentido de culpa por ter conhecido tão tarde.*

Joaquim Pereira

Terramoto

No mês de Maio sentiu-se na nossa terra com certa violência, o Terramoto que, com o centro na cidade galega de Lugo, se estendeu ao norte do País, mormente à terra de Chaves.

Melgaço também o sentiu e em alguns lugares, como em Rouças, houve pessoas que saíram das suas casas com receio a alguma tragédia, devido à violência do mesmo.

Serralharia Artística

C O D Y

Portas • Caixilhos
Marqueses

(Tudo em Alumínio anodizado)

de: Carlos Alberto Codesso

Granjão – Paderne – Telef. 42244
4960 MELGAÇO



CONSTRUÇÕES

Adelino Medela e Filhos, Lda.

«Orgulhamo-nos do que construímos»

CONSTRÓI, COMPRA, VENDE APARTAMENTOS E LOJAS, EM BRAGA E PRAIA DE MOLEDO DO MINHO

Visite-nos na: Rua Dr. Justino Cruz, nº 154 - 1º Andar - Sala 9
Telefone (053) 618525 4710 BRAGA

DANIÉL VIDAL

- Tacos • Parquês • Lamparquês •
- Soalho • Forro • Vistas • Rodapés •
- Cortiças •

Fornecimento e Colocação

Agente das Tintas Garpintex

Estrada Rio do Porto • Tel. (051) 44361 • 4960 MELGAÇO

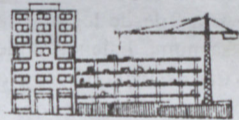
Casa Rodrigues

de: Isaías Rodrigues

Aparelhagens Sonoras – Arcos e Andores – Instalações eléctricas em ornamentações e habitações – em Capelas e Igrejas.

Tel. 414008

Cristóval – 4960 MELGAÇO



António Medela, Lda.

COMPRA E VENDA DE APARTAMENTOS
EM MELGAÇO/MOLEDO/BRAGA

Carvalho do Lobo – Roussas • Tel. 45316 (fim de semana)
4960 MELGAÇO Residência: Tel. 44130

Dra. Maria Cândida Fonseca

A D V O G A D A

ESCRITÓRIOS:

MELGAÇO: Largo Hermenegildo Solheiro • Telefone e Fax 44420

PORTO: R. do Cidral de Baixo, 6-1º • Telefone 317200

JUSTINO ALVES & ALVES, LDA

EMPREITEIRO



- Construção de Moradias e Prédios.
- Venda de Apartamentos.
- Todo o trabalho de construção civil.

Sede: Sº do Alívio – Gave • Tel. 47143/47415
4960 MELGAÇO

JOAQUIM RODRIGUES TEIXEIRA & Cª, LDA

Construções de Prédios para Venda
Alta Qualidade a Preços Compatíveis

EM BRAGA:

Escritório
AVENIDA CENTRAL, Nº 54 – 1º

Telefones
217256/214185

Fax
217256

COMPANHIA DE SEGUROS



FIDELIDADE S.A.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Mediador: Anselmo Manuel Malheiro

Rua Rio do Porto, R/c • Vila • 4960 MELGAÇO
Escrit. Tel. 44031 – Fax 44031 • Resid. Tel. 42525

Bento Gomes

TINTAS
ELECTRODOMÉSTICOS

Rua Dr. Afonso Costa
Tel. 42113 – 4960 MELGAÇO

Notícias do Rio de Janeiro

Por
MANUEL
IGREJAS

Dia 15 de Maio, uma quinta-feira, fomos confraternizar com os Açoreanos na devoção ao Divino Espírito Santo.

Os amigos Manuel dos Santos e Paulo Soeiro, miguelenses, convidaram-nos e fizeram questão da nossa presença. Eu e a Guida, lá fomos. Antes de narrar o que foi essa bonita manifestação de fé e comezaina, deixem resumir o que é, por aqui, a devoção ao Divino.

Tradição secular no arquipélago dos Açores os seus naturais levaram para todos os cantos do mundo a sua crença religiosa. Existe em várias regiões do Brasil onde tenha açoreanos, já agora seus descendentes. Só aqui no grande Rio existem seis confrarias: nos bairros de Vila Isabel (onde estivemos), Catumbi, Encantado, Engenho de Dentro, municípios de Olinda e Niterói.

Para não se fazerem concorrência organizam suas celebrações em dias diferentes dentro da quadra de Pentecostes. Deste modo as irmandades prestigiam-se umas às outras levando a corê, cetro, estandarte e devotos. Estas confrarias tem suas capelinhas próprias e denominam-se Império da Devoção Particular ao Divino Espírito Santo. Este, particular, quer dizer que não está subordinada a paróquia ou diocese. A festa compõe-se de Terço do Santo Rosário, cantado ao desafio entre dois cantadores ao som de viola, tecendo loas ao Divino e saudações às famílias. Muito aplaudidos. Durante a cantoria tem a presença dum vitelo, aparelhado, ou seja, enfeitado com fitas e uma capa. Este vitelo (bezerrinho) é depois leiloado e quem o arremata obrigatoriamente tem de o oferecer ao Divino. É entregue a um membro que em sua propriedade rural o criará para num dos anos seguintes ser abatido e sua carne distribuída aos pobres. Diga-se que esta gente, açoreanos, quase na sua totalidade são empresários do ramo de carnes (frigoríficos, açougues e afins). Também são leiloadas grandes roscas de Pão Sovado.

Imponente procissão onde pontificam várias crianças uma das quais vestida de imperador com todos os símbolos de realeza, percorrem ruas do bairro e ao final há distribuição de carne e pão sovado aos pobres a quem antecipadamente foram distribuídas senhas. Estas manifestações são separadas por impossibilidade de realizá-las todas num mesmo dia. No dia dos leilões tem lugar a famosa sopa e alcatra açoreana. Pois bem, foi a esta festa que participamos. Membros das confrarias e convidados num total de mais de trezentas pessoas confraternizaram animadamente superlotando as instalações: capelinha, salão de festas e pátio.

Era ver a alegria de conterrâneos que só se encontram nestas oportunidades. Tudo muito bem organizado pelos membros da confraria e suas famílias, adultos e crianças que naquele dia foram cozinheiros, copeiros, garçons, lavadores de louça, etc.

Começou o banquete com a tal famosíssima sopa; SENSACIONAL! Alí foram cozidos, carne de vaca, galinha, chouriço, toucinho, fígado, sangue, repolho, hortelã e outros condimentos engrossada com sopas de pão. Todo mundo repetiu várias vezes. Depois veio o cozido, as carnes que fizeram aquela sopa e por último a também célebre alcatra açoreana. Carne temperada e cozinhada no vinho. Supimpa! Todas as comidas eram colocadas nas mesas em grandes terrinas e travessas onde cada um se servia à vontade. Naturalmente tudo regado a vinho que correu generoso.

A fartura foi grande e disso sabiam as pessoas humildes das redondezas que, onze horas da noite, faziam fila na calçada da rua à porta da irmandade.

Abençoados nossos compatriotas Açoreanos!

* * *

Curiosidade: entre os açorianos que fraternalmente festejam e convivem, existe uma rivalidade tradicional entre os Miguelenses e os Terceirenses; os naturais da Ilha de São Miguel e Ilha Terceira. É vê-los nas suas animadas e cordiais conversas aproveitarem para dizer que sua ilha é melhor que a outra. Os terceirenses se vangloriam de sua ilha ter sido sempre, na história, refúgio de fidalgos e intelectuais.

* * *

O amigo Paulo Soeiro, intelectual, grande conversador, entre os vários temas que sempre aborda quando nos encontramos, desta vez contou uma engraçada curiosidade.

Um seu tio que nos idos de 1917, em plena primeira guerra, emigrou para o Brasil num navio inglês, dividia um camarote com vários companheiros. Esse tio fez amizade com um tripulante que lhe ofereceu uma garrafa com água gelada que tirara do frigorífico do navio. Aquilo foi uma grande novidade para o emigrante que não conhecia nem nunca ouvira falar em refrigeração, frigorífico, etc., tecnologia insipiente na época. Bebeu um pouco do refrescante líquido e guardou aquela preciosidade em baixo do colchão do seu beliche para os parceiros não se aproveitarem e saborear aquela frescura durante o resto da viagem. No dia seguinte, quando voltou a pegar na garrafa para saborear a gostosa novidade, quis bater nos colegas. — Aquilo não se fazia! terem bebido o seu gelado líquido e posto na garrafa água quente, quem sabe urina...

* * *

Esse negócio de gelados em 1951 ainda era novidade em Portugal. Em Melgaço, então, ninguém sabia o que era sorvete.

Viajando no navio Argentino, Salta, o Umberto, mulher e filhas para o Brasil; Maria Olinda e filhos para a Argentina, e outros portugueses que demandavam as novas terras, como sobremesa nas refeições era-lhes servido sorvete. Ninguém comia aquela «droga»; coisa desconhecida, sem gosto e muito fria...

* * *

Pintou por aqui o Abílio Augusto Afonso que, segundo informação própria, é o maior e mais próspero comerciante de Melgaço na atualidade. Veio em viagem de turismo incorporado num grupo de trinta empresários portugueses.

Os dias que passou nesta cidade maravilhosa foram corridos, cheios de eventos e visitas a lugares pitorescos. No roteiro de passeios teve um deleitoso dia nas ilhas tropicais de Itacuruçã onde foram homenageados com gostoso show de esculturais nativas acompanhando as deliciosas iguarias e frutos dos trópicos. Tão empolgado ficou o Abílio com a alegria e a camaradagem, a brisa morna do mar e a sensualidade do ambiente que não resistiu e ofereceu aos parceiros o vinho Alvarinho, especialidade de sua colheita, que trouxera para oferecer a alguns amigos. Consumiram as trinta garrafas retribuindo com engrolados elogios a tal preciosidade melgacense.

O Abílio garantiu-nos que, modestia à parte, aquele vinho da sua lavratura é dos melhores da terra.

Nós acreditamos.

Após alguns contactos telefónicos conseguimos reunir-nos na sexta-feira, 15, na Casa do Minho. Eu, a Guida, o meu irmão António e a Lourdes. Quando chegamos o Abílio já lá estava. Abraçamo-nos efusivamente e a conversa melgacense desenrolou-se em ritmo acelerado pois o visitante tinha mais dois compromissos naquela tarde-noite que não queria perder. Durante meia hora falamos tudo que foi possível ao sabor de uma cerveja e um refrigerante. Estávamos com sede!... Despedimo-nos oferecendo-lhe um prato pintado, trabalho nosso. Embarcava no dia seguinte.

Quando esta nota sair publicada o Abílio há muito que estará por aí, quem sabe, preparando-se para outra viagem. Tomara que traga mais vinho!...

* * *

O Amigo Abílio querendo provar o que venho alardeando sobre o Bella-Blu, foi almoçar nesse famoso restaurante.

Antes, passou na Confeitaria Esportiva que fica na mesma rua, para cumprimentar os irmãos Meleiro.

O Mário RANHADARECEBEU-O com toda a cordialidade pondo-lhe o restaurante à disposição. Serviu-se o Abílio de tudo quanto quis além dos extras que não fazem parte do cardápio inclusive vinho «DÃO».

Foi uma confraternização e tanto, graciosa, disse o Abílio. Só não reparou nos dois painéis em azulejos, bonitos por sinal, que este vosso amigo pintou. Paciência!

Achou que o ambiente e gastronomia, mais amizade e cortesia melgacense realmente são o forte do Restaurante, só não gostou do sistema, novidade para ele.

* * *

Nesta cidade, aliás em todo o Brasil, continuam existindo restaurantes nos moldes tradicionais, no entanto, maioria destes estabelecimentos optaram pelo moderno, prático e económico sistema de comida a quilo. O cliente pega o prato a vai servir-se, a seu gosto, das vime ou mais variedades de comidas, quentes e frias, desde legumes a churrasco. Passa numa balança onde coloca o prato que assinala o peso e o valor correspondente. Garçons vem a sua mesa para lhe servir a bebida que quiser ou o prato fora de linha.

O cliente serve-se quantas vezes desejar, inclusive sobremesa. Ora, este sistema é sobre todos os pontos de vista prático e económico. Cada pessoa serve-se do que mais gosta e na quantidade que acha deve comer. Não há desperdício de alimento nem pagando o que noutras circunstâncias deixa no prato ou na travessa. Até o pouco endinheirado pode controlar a comida de acordo com a quantia que lhe convém gastar.

Para terem ideia em quanto fica uma refeição, tomem nota: de acordo com a categoria do estabelecimento o quilo dos alimentos varia de nove a treze reais. Num restaurante de classe média pagase dez reais. Eu, que como rasoavelmente, servindo-me por duas vezes consumo quatrocentos grammas que custam quatro reais. Com mais três chopos (copos de cerveja) vai a sete reais.

É o total em que fica uma excelente refeição. O real é igual ao dolar americano, façam a conta e comparem com o que vocês gastam.

A única diferença será vocês ganharem mais dólares...

* * *

Um casal melgacense num domingo resolveu ir ao Jardim Zoológico. A

esposa, vistosa e de roupa provocante atraiu a atenção do Gorila. O macacão em estado afrodisíaco ficou doidão ao ver aquela mulher: Exasperado, com grande violência arrebitou as grades da jaula e agarrou a mulher. Aterrorizada, ela gritou pelo marido perguntando-lhe o que fazer. Ele, na maior calma respondeu-lhe: faz o que fazes comigo, diz-lhe que estás cansada,

indisposta, com dor de cabeça...

Colaboração filosófica do amigo M.G. — O que nos fere não é o que acontece conosco mas sim nossa reação. A reação pode atingir-nos e causar a dor.

Rio, 26/5/97
M. Igrejas

Mas, isto é verdade

O progresso de Melgaço?

Assim, não. A nossa edibilidade, contra a qual nada tenho, apenas devo lembrar que, para o Bem e o Progresso da nossa Terra, peço muitas vezes pelo erro de relançar os programas pelo final, quando deveria começar pelo início. Quero apenas referir-me às Festas, Congressos, Celebrações, etc., etc., alguns que muitas vezes deveriam ser para esquecer, mas, enfim, há que encher bem a barriguinha com lautos almoços e jantares, tantas vezes com políptica pelo meio, e o resto virá depois ao acaso, se vier...

Realizou-se nos dias 27 e 28 de Fevereiro, 1 e 2 de Março, o VIII Congresso de Gastronomia do Minho, em Melgaço, conforme este jornal noticiou.

Como todos nós sabemos, os produtos da nossa região, que não são tantos infelizmente, são muitas vezes mal programados e difundidos.

— Fala-se tantas vezes dos presuntos de Castro Laboreiro e Fiães, excelentes a todos os níveis, os quais, segundo eu penso, apenas são comidos em casas particulares dos seus produtores, e, algum estabelecimento comercial (muito poucos o podem vender) quando o é exigido e se o há. De notar que o seu preço é elevado, pois são poucas as pessoas que os vendem.

— Fala-se dos enchidos (chouriços a vários níveis e não só).

— Fala-se da broa e pão de centeio (mistura) de Castro Laboreiro, tão apreciados.

— Fala-se do Alvarinho, tão tradicional que, só graças a alguns produtores e à Adega Quintas de Melgaço, está a ser lançado além fronteiras.

— Fala-se das águas de Melgaço, que estão a ser esquecidas e cada vez mais ao abandono, uma verdadeira preciosidade, com que Deus nos doou, com um maravilhoso Parque para repouso e não só, das quais as empresas (com letra pequena) que nos últimos anos tiveram a seu cargo a exploração e conservação, só procuraram esquecer a sua expansão e

empobrecer a nossa Vila. Havia muito mais a dizer, mas hoje vamos ficar por aqui.

Que fez a nossa Câmara Municipal por tudo isto? É isto o progresso de Melgaço?

Há dias, um empresário da Indústria Hoteleira, com um bom restaurante na Praça Marquês de Pombal, na cidade do Porto, em conversa amena, perguntou-me: Ó Fulano, mas será que há alguma fábrica de enchidos no nosso Concelho? Alguém comercializa o famoso presunto de Castro Laboreiro e Fiães? Alguém se dedica ao fabrico do pão de milho (broa) e pão de Castro Laboreiro? Qual o motivo pelo qual na maior parte do ano se encontram fechadas as Termas? Deixem as respostas adequadas, e o meu amigo compreendeu.

Em defesa dos produtos tradicionais da nossa Terra, proponho:

1º — Que se deem condições de investimento privado, já que o público deixa muito a desejar; temos muitos exemplos a criticar.

2º — Procurar abrir fábricas, devidamente programadas, para criar novos empregos e não só.

3º — Procurar expandir através do País, e do estrangeiro, os nossos produtos tradicionais, através dos nossos conterrâneos, emigrantes, órgãos de comunicação social, T.V., rádio, cartazes, e outros, com o auxílio das nossas Embaixadas no estrangeiro e outros, além dos já citados.

— Assim, sim, ajudaremos o turismo, o comércio, a indústria e levantaremos bem alta e conhecida a Terra de Inês Negra.

— De outro modo, com tantos almoços e jantares e sem procurarmos difundir os nossos produtos, só dividimos a nossa edibilidade que, segundo nos conta, está a rebotar pelas costuras, (que o digam os credores), dividimos o nosso Povo e não chegamos a lado nenhum.

Isto é apenas uma lembrança, um apelo, para ver se é evitado um futuro funesto.

Miguel Pereira

Portugal Telecom

Assim vai o 188 (serviço de avarias). Na última quarta-feira, dia 28.5.97, avariou o meu telefone. Telefonei várias vezes, mas sem êxito. Uma vez, não atende, outras vezes, o mal fadado disco (segundo penso) em que informam: «Volte a chamar dentro de momentos». Outras vezes somos obrigados a ouvir música, à força, e nunca mais somos atendidos. Dia 29, várias vezes tentei e sem êxito! Dia 30, mais de 20 vezes tentei, e nunca fui atendido! Sábado, dia 31, comecei às 8.30 da manhã, sendo atendido cerca das 10 horas. A senhora do atendimento, cheia de razão, face à minha exposição, ainda quase me atende mal,

se insisto em lhe demonstrar a verdade. Desculpou-se, com só ter um atendimento, com o Porto, etc., etc., acabando por dizer-me que só segunda-feira, dia 2 de Junho de 1997 é que iriam atender-me. Ora bolas! Que eu já sabia que isto andava mal, era certo, mas tão mal nunca me passou pela cabeça. É assim que nós somos atendidos! Para pagar, se não pagamos no prazo indicado, é-nos cortada a linha telefónica.

Parabéns aos serviços, pois assim não custa nada (!!!) o atendimento aos utentes!!...

Daqui fala o utente 42212 (051). Esta é a verdade nua e crua. Trata-se de um comerciante local.